

Nossa revista Encontros Teológicos está, uma vez mais, em suas mãos. Como nas edições anteriores, busca oferecer elementos de reflexão teológico-pastoral que contribuam para o aprofundamento da compreensão tanto do ser humano e da sociedade atual, quanto da Igreja e sua missão junto ao ser humano e à sociedade. Dessa vez o faremos através de estudos realizados pelos nossos articulistas sobre a Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II, Gaudium et Spes. Trata-se de uma alusão comemorativa aos 40 anos desse documento conciliar de particular magnitude para a compreensão da Igreja e sua missão em nossos tempos.

Sem a pretensão de apresentar uma definição da Igreja na Gaudium et Spes, chamamos a atenção para alguns elementos que a caracterizam no conjunto da renovação proposta pelo Concílio. A Igreja da Gaudium et Spes é uma Igreja excêntrica, que se encontra voltada “para fora”, o mundo, e que se deixa interpelar pelas realidades e vicissitudes que ali se encontram. É uma Igreja atenta aos “sinais dos tempos”, sensível à escuta, solidária para com o ser humano e suas pre-ocupações no meio social. A partir desse fato é que vão se elaborando as metas e os métodos de evangelização. Como o mundo, as sociedades, as realidades temporais são assumidas no processo de evangelização, poder-se-ia dizer que na Gaudium et Spes não existem realidades “fora” da Igreja. Tudo o que diz respeito ao ser humano e seu meio, diz respeito à Igreja. Evidentemente, isso não tolhe a autonomia própria dos âmbitos sociais e eclesiais. Mas trata-se de uma autonomia que implica vínculos, parcerias, caminhar juntos.

A Igreja da Gaudium et Spes é a Igreja do diálogo, com os povos, com as culturas, com as ciências, com as religiões. A resposta à pergunta do Concílio pela identidade da Igreja advém não apenas do olhar que a Igreja volta para si mesma, mas também do olhar que ela direciona para os interlocutores do tempo. Na Gaudium et Spes, a identidade da Igreja é esclarecida num processo de diálogo. Quatro elementos são significativos para isso:

1) A compreensão que a história da salvação inclui todos os povos e suas mediações, culturais e religiosas. Deus se faz presente no mundo com tudo o que ele possui, e ali realiza seus desígnios salvíficos. A Igreja é uma realidade inserida na história da salvação, mas não a única. E por isso já não se pode dizer “fora da Igreja não há salvação”. É preciso afirmar: “fora do mundo não há salvação”. Aqui, o diálogo impõe-se como uma necessidade de reconhecimento do outro, o mundo moderno, adulto, capaz de dizer a própria



palavra e legitimá-la, não poucas vezes em oposição à palavra que por séculos teve que ouvir da Igreja. Nos tempos do Concílio, o mundo tem sua autonomia e identidade irreversível, e como tal aparece quer como interlocutor, quer como lugar da Igreja porque é o lugar da manifestação do projeto divino.

2) Emerge, na Gaudium et Spes, a Igreja que reconhece a alteridade: alteridade da mulher, que não mais aceita ser subordinada ao varão; alteridade das culturas, num policentrismo cultural que determina as novas situações; alteridade religiosa, que exige da Igreja saber compartilhar com outras tradições, cristãs e não-cristãs, a orientação religiosa dos povos. Mais, a Igreja depara-se com a exigência de reconhecer o valor positivo da alteridade, abandonando definitivamente posições monocentradas. De algum modo, a Igreja que reconhece a alteridade torna-se também ela uma Igreja alterativa. Trata-se da Igreja que, mantendo sua própria identidade evangélica, misteriosa e institucional, sabe adaptar-se às diferentes realidades dos tempos e espaços.

3) O diálogo cria uma situação nova, inédita na Igreja: a consciência de que ela se forma a partir e no diálogo. Isso significa que os valores do século não são estranhos à constituição da Igreja. Na relação com o mundo, é também ela mundanizada, secularizada, no sentido que os valores seculares são assumidos como algo que lhe é próprio. Por essa razão, a partir do Concílio em muitos lugares a Igreja sentiu que devia tratar das questões sociais, políticas e econômicas como realidades inerentes à sua missão evangelizadora. Na América Latina e em outras regiões pobres do planeta, tal fato deu origem ao pensamento teológico conhecido como “Teologia da Libertação”.

4) O diálogo faz com que a Igreja se torne profética. O olhar implica em reconhecer valores, em si e no outro, mas também contra-valores. A profecia coloca a Igreja frente a si mesma e ao outro, descobrindo que muitas vezes as respostas dadas às interpelações do mundo foram inadequadas, exigindo um novo olhar ao passado, ao presente e ao futuro tanto da Igreja quanto do mundo.

A Igreja da Gaudium et Spes é uma Igreja leiga, em sintonia com a eclesiologia do Povo de Deus presente no segundo capítulo da Constituição Dogmática Lumen Gentium. Os leigos atuantes no mundo são também sujeitos eclesiais criadores e dinamizadores de valores eclesiológicos. Eles têm condições particulares para expressarem-se no interior da Igreja. E ao fazê-lo recriam as bases da pastoral, explicitando a fisionomia leiga e secular da Igreja, participativa e comprometida com o mundo. Isso exige da Igreja o reconhecimento do estatuto teológico e eclesiológico do leigo. A Igreja não é a instituição clerical, mas corpo total, povo único, pelo Espírito que atua em todos no Batismo e possibilita a comunhão entre todos. Assim, legitima-se a participação do leigo nas atividades da hierarquia, sobretudo na evangelização e no testemunho, com base em uma teologia do laicato que justifique como, pelo leigo, a realidade temporal/secular entra na Igreja.



A busca da compreensão da Igreja na Gaudium et Spes acontece no interior da constante exigência de revisitação do Concílio Vaticano II, retomando suas intuições e orientações para a Igreja hodierna (ver a edição especial da revista Encontros Teológicos sobre os 40 anos do Concílio – n. 33, 2002/2). Com esse propósito, Vitor G. FELLER escreve Do poder à quênose – A Igreja da Gaudium et Sps; José I. LISBOA DE OLIVEIRA apresenta uma contundente reflexão sobre A vocação cristã na Gaudium et Sps; Remo MARIANI trata sobre A missão na Gaudium et Sps; Dom Aloísio Cardeal LORSCHIEDER descreve as Grandes linhas eclesiológicas do Concílio Vaticano II; Luís I.J. STADELMANN trata sobre Homens e mulheres engajados na Igreja, e Agenor BRIGHENTI apresenta e analisa o Documento de Participação da 5ª Conferência do Episcopado Latino-Americano. Numa visão histórica da Igreja em Santa Catarina, Gilberto TOMAZI apresenta uma leitura sobre A mística do Contestado, e Pe. Ney Brasil PEREIRA escreve sobre O Arcipreste Paiva, personalidade eclesiástica catarinense do século XIX. A presente edição da revista Encontros Teológicos traz, ainda Recensões de: Celestino SACHET, Por um fio, de Dráusio Varela, e de Pe. Ney Brasil PEREIRA, Memória e Identidade, de João Paulo II. Por último, Crônicas da vida do ITESC.

Pe. Elias Wolff